

## RESENHA

### REVIEW



BOUCHER, Colette; SPEAR, Thomas C. (Dir.). *Paroles et silences chez Marie-Célie Agnant – l’oublieuse mémoire d’Haiti*. Paris: Karthala, 2013. 206 p.

Produzidos por doze autores originários de diversos estabelecimentos universitários da América do Norte (Canadá e Estados Unidos), da Europa (Bélgica e Espanha), e das Ilhas Maurício, os diferentes ensaios reunidos nesta coletânea analisam a obra de Marie-Célie Agnant e interrogam várias zonas sombrias das histórias haitiana e universal. Por meio da complexidade da produção de Marie-Célie Agnant – contos infantis e romances juvenis, poesia, ensaios, novelas, romances – fica-se sabendo que ela está presente e atenta ao mundo que a cerca, e deseja que o que escreve reflita seu engajamento. Indicadora da memória viva ou ocultada do Haiti, ao abordar temas tais como a exclusão, a solidão, o racismo, o exílio, seus textos ancoram-se na realidade social contemporânea. A condição das mulheres em relação ao passado e à melhoria de suas vidas também faz parte de seu campo de exploração. Estudada agora em *Paroles et silences chez Marie-Célie Agnant. L’oublieuse mémoire d’Haiti*, compreende-se na leitura desta coletânea por que a escritora se revela e afirma como uma das vozes importantes da literatura haitiana e quebequense.

Nascida no Haiti (1953), Marie-Célie Agnant deixa a ilha natal em 1970, quando foge da ditadura da família Duvalier (1957-1986). François Duvalier, conhecido como Papa Doc, eleito presidente daquele país em 1957, apesar de ataques sucessivos de grupos políticos internos, consolidou um regime centralizador e autoritário. Manteve o poder com o apoio da guarda civil que lhe era leal, conhecida como *tontons macoutes* (bichos-papões). Ao final de seu governo o Haiti era a nação mais pobre das Américas. Ao morrer (em 1971) foi substituído por seu filho, Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc. A marcante diáspora no país criada pela família Duvalier levou expressivo contingente de escritores ao exílio, entre eles Marie-Célie Agnant, que parte para Quebec, na esperança inicial de retornar à pátria, o que só se torna possível após a partida do ditador Jean-Claude, em 1986. Mesmo assim, quando volta é por pouco tempo, pois o retorno definitivo revela-se impossível: o país real reencontrado

não se parece mais com aquele sonhado na nostalgia do exílio. Cabe lembrar que os termos “país real” e “país sonhado” foram empregados pelo martinicano Edouard Glissant, teórico mais influente da memória e da história das Antilhas francesas, e pelo haitiano Dany Laferrière, hoje membro da Academia Francesa de Letras. Agnant, como Laferrière, nesse momento já estava ancorada na cultura de acolhida, o Quebec, onde estabeleceu laços que se aprofundaram cada vez mais, mas que não impedem sua voz milenar e polifônica de impor-se contra a ditadura e o silêncio, conforme dizem na Introdução da coletânea seus organizadores, C. Boucher e T. C. Spear.

Haitiana, quebequense, latino-americana, imigrante, canadense, graças às influências culturais múltiplas e mestiças, a escritora é representativa das letras francófonas do nosso século. Sua voz, de um ponto de vista mais amplo, é igualmente testemunha dos conflitos e perturbações nas relações imbricadas em todas as sociedades, entre cidadãos plurais nos quais se unem palimpsestos de histórias individuais e coletivas. Os temas de suas obras refletem o percurso e as preocupações da escritora com o país de origem, com aquele onde se encontra e reside e com o alhures. Assim como é variado o público de Marie-Célie, os gêneros literários que adota também o são: contos infantis e romances juvenis, poesia, ensaios, novelas, romances. *La dot de Sara* [O dote de Sara, 1995], seu primeiro romance, foi publicado em Montreal pelas Éditions du remue-ménage, pequena casa de orientação feminista, mais voltada porém a obras científicas (estudos, ensaios, coletivos). Mesmo assim a editora ocupa-se das reedições, coedições, traduções de Agnant, bem como da publicação de seus segundo e terceiro romances, *Le livre d’Emma* [O livro de Emma, 2001] e *Un alligator nommé Rosa* [Um crocodilo chamado Rosa, 2007].

O projeto desta publicação coletiva, *Paroles et silences chez Marie-Célie Agnant*, é o resultado de duas mesas-redondas que discutiram a obra de Marie-Célie em novembro de 2008, durante os congressos conjuntos do American Council for Québec Studies

(ACQS) e da Association for Canadian Studies in the United States (ACSUS), realizados na cidade de Quebec. Em suas comunicações e discussões, os participantes – especialistas em literatura francófona, migrante, nômade, insular, haitiana, quebequense, feminista – reúnem-se a outros especialistas interessados na obra da escritora, convidados especiais para a elaboração deste volume. Assim, diferentes facetas e reflexões se entrecruzam e completam ao serem explorados os silêncios da história do Haiti, da história universal, o silêncio das mulheres, o racismo e as injustiças. As personagens “perseguem muitas vezes uma busca identitária – ligada às identidades linguística, nacional, sexual, étnica, epidérmica, religiosa, cultural – que reflete a busca identitária coletiva do povo haitiano e de sua diáspora” (p. 9). Se as maneiras de abordar a obra de Marie Célie-Agnant são diversas, todas elas aproximam-se em suas reflexões e análises apresentadas nos artigos que são apresentados em ordem alfabética a partir dos sobrenomes dos autores.

O primeiro texto, após a Introdução dos organizadores, é de Colette Boucher, professora em Quebec, doutora em Etnologia pela Université Laval. Suas pesquisas e interesse voltados para a memória, a história e a cultura do Haiti levaram-na ao conhecimento da obra de Agnant. Intitulado “L’effet parole chez Marie-Célie Agnant”, Colette Boucher desenvolve o tema atualíssimo do poder da palavra, do direito à palavra ou ao silêncio e aponta para as personagens em situação de poder muitas vezes adquirido nos jogos da corrupção, que utilizam a palavra para “autolegitimarem-se” e proclamarem sua supremacia, reforçando cada vez mais seu poder. Entre outros aspectos, é ressaltada igualmente a importância da transmissão da história familiar, nesse primeiro ensaio. Entretanto, de saída a estudiosa de Marie-Célie Agnant deixa claro que as personagens das suas obras ficcionais, principalmente as mulheres, são muitas vezes fechadas no silêncio, falso refúgio ou simulacro de proteção. Assim acontece em *La dot de Sara*, em *Le livre d’Emma* e também em *Un alligator nommé Rosa*, principais romances da escritora, brevemente resumidos a seguir.

*La dot de Sara*, escrito a partir de narrativas de vida de mulheres-avós quebequenses de origem haitiana, contém depoimentos recolhidos ao longo de um projeto de pesquisas sociológicas a respeito de pessoas idosas, projeto que contou com a participação de Marie-Célie. *La dot de Sara* traz a história de Mariana, que viaja a Montréal para ajudar durante alguns meses sua filha Giselle, após o nascimento de Sara, sua neta, a quem Mariana quer legar a língua crioula. Entretanto, ela permanecerá vinte anos, tempo suficiente para que Sara se torne seu país, sua busca e revanche ante as dificuldades que a vida lhe impõe. *Le livre d’Emma*, por sua vez, inicia em um hospital psiquiátrico com o encontro de Emma, que vem de uma

ilha no Sul, com Flore, *alter ego* da escritora, intérprete que vive em uma cidade francófona do Norte – deduz-se Montreal, lugar de exílio haitiano por excelência. Emma é acusada de ter praticado infanticídio. Em tratamento, mesmo que conheça muito bem o francês, recusa-se a falar nessa língua ao psiquiatra, que apela então aos serviços de Flore para traduzir sua história, revelar sua vida no país de origem, evocar o silêncio obstinado de sua mãe Fifie, entre outras narrativas míticas, fundadoras da linhagem de mulheres de pele azul de onde Emma é oriunda. Emergem assim histórias de humilhação repetidas de geração em geração, mas também de mulheres guerreiras e solidárias. Em *Un alligator nommé Rosa*, Rosa rompe com o papel de transmissão das avós haitianas, para representar uma nova personagem na obra global de Marie-Célie Agnant. Diferente, sobretudo, porque Rosalie Bosquet foi uma mulher torturadora que realmente existiu e desempenhou papel importante na brigada duvalierista de voluntários do serviço nacional (os *tontons macoutes*). A implicação das mulheres como *fillettes-lalos* (carrascas femininas) e o tráfico de órfãos são aspectos tratados nesse romance, mas relativamente pouco estudados do regime Duvalier.

Passando ao segundo texto da coletânea, Beatriz Calvo Martin, professora na Université Libre de Bruxelles, focaliza o trabalho literário da linguagem para reencontrar e transmitir a memória onipresente, tanto a memória migrante quanto a ancestral, com origem muito mais distante, que remonta à escravatura. Em “Le discours mémoriel. Langue et transmission dans l’oeuvre de Marie-Célie Agnant”, a professora argumenta que, se a memória é fundamental porque faz parte da construção identitária, o trabalho de rememoração e luto para curar a memória ferida pode ser feito por intermédio da palavra. Lembra ainda que a isotopia da linguagem, do silêncio à palavra, e da palavra à transmissão para a posteridade, está presente ao longo de toda a obra de Marie-Célie, testemunhando a dificuldade de romper o silêncio e percorrer o caminho da anamnese. Esse trabalho de transmissão é feito com frequência pela linhagem feminina. São as mulheres as passadoras do discurso memorial, são elas que transmitem não apenas as histórias e o saber, mas igualmente certa linguagem – oral, emocional, ritmada, imagística e sensorial – associada à memória dolorosa.

Professora de francês e estudos francófonos na Ohio Northern University, Roseanna Dufault é autora do terceiro ensaio, denominado “La poursuite de la justice em *Un alligator nommé Rosa*”. Ela retoma inicialmente o pensamento de Franck Laraque, emérito professor, para quem o ato de compreender representa em sua própria essência a busca de uma racionalidade, a descoberta das razões, sobretudo socioeconômicas do subdesenvolvimento dos países; mas compreender é antes de tudo o prelúdio à ação, à tomada de posição.

É nesse sentido que Laraque alcança, através do tempo, intelectuais como Jacques Roumain, Jacques Stephen Alexis, Anthony Lespès e, no presente, Marie-Célie Agnant, que acredita na necessidade de manter a lembrança da violência política do regime Duvalier por dois principais motivos: é essencial impedir o ressurgimento do terrorismo do Estado e perseguir a justiça que *flotte dans l'air* [flutua no ar]. Na verdade, a inquietação aqui é em relação à tendência de compor uma nova visão dos duvalieristas que falsificam a história, banalizam os crimes e até mesmo retratam os ditadores como justiceiros, renovadores e líderes internacionais. Roseanna Dufault demonstra que Laraque, autor do artigo “Il n’y a pas de bons duvalieristes”, aplaude Marie-Célie por considerá-la guardiã vigilante da memória popular, aclamando seu talento de escritora e seu engajamento, tarefa patriótica de cronista da verdade histórica.

Para Kumari Issur, em “Marie-Célie Agnant, ou comment raccommoquer une mémoire trouée”, a seguir, o remendo da memória em *Un alligator nommé Rosa* apoia-se em uma operação de escavação assídua, trabalho de arqueologia, visando desenterrar as verdades soterradas do passado por intermédio da personagem Antonio, trabalho paciente e minucioso para trazer velhas histórias à superfície. Professora no Departamento de francês da Université de Maurice, para Kumari Issur a escrita de Agnant articula-se em torno de sua vivência e da memória pessoal dos acontecimentos. Seu pai, Clerveau Rateau, foi um dos primeiros resistentes do regime Duvalier e figura entre suas primeiras vítimas, no mesmo ano do exílio da escritora, enviada a Montreal para viver com sua madrinha. “Refuges”, novela de cunho autobiográfico, informa que os *tontons macoutes* raptaram seu pai no momento em que visitava secretamente a família e o assassinaram; informa ainda que sua família foi forçada a evacuar a casa onde viviam porque um *macoute* exigiu o lugar para construir sua moradia. Além disso, Marie-Célie assiste, pequena ainda, à morte de seus vizinhos e o incêndio de sua casa, acontecimentos retomados em *Un alligator nommé Rosa* para tecer o quadro dos atos de barbárie que praticou Rosalie Bousquet enquanto chefe *macoute*.

A narrativa do passado permite preencher o hiato e reconciliar gerações, papel atribuído principalmente à avó, figura privilegiada na literatura caribenha. A exemplo da personagem Toussine-Reine Sans Nom, (em *Pluie et vent sur Télumée Miracle*, de Simone Schwartz-Bart), ou de Man Ya (em *L'exil selon Julia*, de Gisèle Pineau, e *Eu, Tituba, negra, feitiçeira de Salem*, de Maryse Condé), as personagens avós são depositárias da memória e são também o *poteau mitain* da família, expressão antilhana que designa o sustentáculo, a referência responsável pela transmissão das histórias através das gerações.

“À la jonction de l’empreinte de la mort et de la délivrance du deuil”, com o subtítulo “Le dire sombre de Marie-Célie Agnant” é o texto de Lucie Lequin, professora da Université Concordia, que aponta para o desejo da escritora haitiana de triunfar sobre o passado “que não passa”. Por intermédio da escrita Agnant volta aos lugares do crime para que a testemunha conte, compreenda e, quem sabe?, consiga reparar sua humanidade e sua identidade. Para a especialista em literatura quebequense no feminino, esse “dever de memória” coloca duas experiências diferentes do mal na narrativa: a individual e a coletiva. Duas memórias que se unem por passarelas, a memória viva, singular e subjetiva, e a memória coletiva e pública, que se quer objetiva. Paul Ricoeur, entre outros teóricos, é referência aqui para propor, entre esses dois polos, um plano intermediário da “relação com os próximos”, que oferece uma memória diferente, marcada pela proximidade e pela estima.

De diversas maneiras *Le livre d'Emma* e *Un alligator nommé Rosa*, afirma Lucie Lequin, põem luz no cemitério interior de uns, na tortura de outros, ou ainda no refúgio em uma neutralidade alienante. A narrativa dessas vidas reprimidas, sem escapatória, movimenta o pensamento dos vestígios (*traces*) e leva Marie-Célie Agnant – por meio de seus personagens – fazer ver que todos os dramas exterminadores se assemelham; bastaria remontar à Shoah, cujo exemplo não é fortuito, para mostrar que a abjeção não se encontra nem em um tempo determinado, tampouco em uma cultura singular.

Nessas mesmas duas obras em que o Haiti é tema principal, o professor Scott W. Lyngaas, do Beloit College (Wisconsin) analisa “Les lieux de mémoire”, ligando os lugares de memória à problemática da memória coletiva. Para ele o livro homônimo de Pierre Nora, obra publicada de 1984 a 1992, inspira três categorias de lugares de memória, as personagens, os lugares físicos e os textos escritos, todos eles úteis para a análise dos romances de Agnant, que parecem existir para falar das experiências traumáticas e fundadoras, as quais, mesmo assim, não fazem parte da memória coletiva haitiana. É dessa falta que vem a força das narrativas, onde as personagens lutam para fazer ouvirem sua voz e incitar os outros a afrontar o silêncio.

Carmen Mata Barreiro, titular da Universidade Autónoma de Madrid, intitula seu texto de “La mémoire de l’esclavage et de la répression dans l’oeuvre de Marie-Célie Agnant”. Seu estudo parte do terremoto ocorrido em janeiro de 2010, quando o Haiti foi atingido pelas forças implacáveis da natureza. Ante as imagens mostradas pela mídia – que sublinha a miséria e a violência no país – a professora observa a abstração da complexidade dessa sociedade e da trágica história da ilha. Marie-Célie desde o início de sua carreira de escritora engaja-se no trabalho de

rememoração. Esse trabalho ganha particular importância por revelar as feridas que a História infligiu à ilha e as marcas indelévels que nela deixaram. Na última parte de um texto dividido em dez segmentos, a professora Mata Barreiro fala de uma “memória viva”, uma “memória tenaz”, que a teórica Régine Robin considera “memória coletiva”, que emana das lembranças construídas ou não, individuais ou coletivas.

“Et puis, parfois, Marie-Célie...” é o título que Françoise Naudillon apresenta na sequência. Para essa professora da Université Concordia, se os romances de Agnant podem ser lidos enquanto declarações que trazem a relação de sofrimentos das mulheres (violentadas, matricidas, torturadoras), sua obra poética, por outro lado, apresenta a parte mais íntima, a da mulher escritora. Depois de *Balafres* (1994), foi em 2009 somente que Marie-Célie publicou uma nova coletânea poética, que inspira o título desse artigo, *Et puis parfois quelquefois*. Sua voz poética ouve-se à margem de sua produção romanesca, como trégua reflexiva, um olhar pessoal e íntimo sobre si e o mundo. Autoficcional e autobiográfica, a poesia em prosa da escritora nos leva a um contexto intimista e marginal. Mulher negra, francófona, migrante, seu percurso subversivo exigia, em paralelo ao caminho propriamente romanesco e à escrita de romances, a reconfiguração, a transposição das fórmulas auto-representativas que Françoise Naudillon propõe estudar nesse artigo.

Lucienne Serrano, em “Transgression de l’écriture dans *Le livre d’Emma*”, analisa o percurso da escrita transgressiva, que recusa todos os limites e interdições para tornar-se viagem no tempo e no espaço, viagem na qual convida os leitores a participar. A professora emérita da City University of New York (CUNY) retoma esse romance emocionante, que se desenrola essencialmente em um quarto de hospital psiquiátrico de Montreal, onde Emma está internada por infanticídio. Agnant não menciona de qual ilha do Caribe Emma é originária. Parece ser do Haiti, como Flore e Marie-Célie Agnant. Tal omissão voluntária do país de origem é significativa do desejo de que sua narrativa dirija-se a todos aqueles oriundos do grande transbordamento que foi a escravatura.

Thomas C. Spear assina o décimo texto. Professor, como a autora anterior, da CUNY, em “La rage retenue de Marie-Célie Agnant” ele enfoca a reação violenta aos acontecimentos da ditadura de Duvalier apresentada

em *Un alligator nommé Rosa*, bem como o domínio de Agnant em conter a efervescência do ódio, da raiva e da loucura que parecem energizar autora e personagens. Poeta, romancista, contista e romancista, ao final de sua reflexão Spear revela que a autora além disso reivindica a voz da “feiticeira” que a habita, pois ela permite-se perturbar a sociedade cristã e bem-pensante. Essa voz, que emana de um “furor implacável”, não cala, podendo ser feminina ou masculina, mas em qualquer dos casos opõe-se à impunidade, à injustiça e ao esquecimento.

Joëlle Vitiello, do Macalester College (Minnesota), e Heather A. West, da Samford University (Birmingham, Alabama), abordam respectivamente o tema da memória e a situação da escritora “Entre deux cultures”. A primeira estudiosa aproxima as fases sucessivas entre o exílio e a aculturação, que se inserem na obra de Agnant, das mesmas fases encontradas em outros escritores exilados no Canadá, entre eles Émile Ollivier, Gérard Étienne, Jan J. Dominique, ou ainda Edwidge Danticat, nos Estados Unidos. Nas narrativas desses autores, diz Joëlle Vitiello, a exemplo das elencadas em *Paroles et silences chez Marie-Célie Agnant. L’oubliée mémoire d’Haiti*, a memória desempenha importante papel, já tendo sido objeto de estudos críticos, notadamente suas funções internas na narrativa. Heather A. West, autora do último texto da coletânea, conclui entendendo que a valorização da voz das personagens mulheres deixará em má situação os estereótipos associados à mulher negra na sociedade branca e patriarcal. Para que esta sociedade branca, que esqueceu a história da diáspora africana e antilhana, converta essa situação, será necessário renunciar à posição privilegiada, sem o que não sairá do impasse em que se encontra.

Marie-Célie Agnant integra o movimento de mulheres militantes, que usam a palavra para trazer à superfície a memória obliterada, retirá-la do não-dito, unir sua voz à de outras, avançar em um trabalho de luto e romper o silêncio provocado por uma memória negada, manipulada, traumatizada. Graças às explorações atentas de sua obra contemporânea, os críticos, reunidos na coletânea em pauta, sublinham a força criativa e compartilham com o(a) leitor(a) novas formas de ler Marie-Célie, escritora diaspórica, multinacional e profundamente haitiana.

Nubia Jacques Hanciau  
FURG